

## O VENTO NO CANAVIAL

Não se vê no canavial  
nenhuma planta com nome,  
nenhuma planta maria,  
planta com nome de homem.

É anônimo o canavial,  
sem feições, como a campina;  
é como um mar sem navios,  
papel em branco de escrita.

É como um grande lençol  
sem dobras e sem bainha;  
penugem de moça ao sol,  
roupa lavada estendida.

Contudo há no canavial  
oculta fisionomia:  
como em pulso de relógio  
há possível melodia,

ou como de um avião  
a paisagem se organiza,  
ou há finos desenhos nas  
pedras da praça vazia.

Se venta no canavial  
estendido sob o sol  
seu tecido inanimado  
faz-se sensível lençol,

se muda em bandeira viva,  
de cor verde sobre verde,  
com estrelas verdes que  
no verde nascem, se perdem.

Não lembra o canavial  
então, as praças vazias:  
não tem, como têm as pedras,  
disciplina de milícias.

É solta sua simetria:  
como a das ondas na areia  
ou as ondas da multidão  
lutando na praça cheia.

Então é da praça cheia  
que o canavial é a imagem:  
vêm-se as mesmas correntes  
que se fazem e desfazem,

voragens que se desatam,  
redemoinhos iguais,  
estrelas iguais àquelas  
que o povo na praça faz.

João Cabral de Melo Neto.  
*Paisagens com figuras* (1956).